IMPACTOS DA PANDEMIA NO ENSINO SUPERIOR: A REPRODUÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NA PRÁTICA DOCENTE

PANDEMIC IMPACTS ON HIGHER EDUCATION: THE REPRODUCTION OF GENDER INEQUALITY IN TEACHING PRACTICE

REPERCUSIONES DE LA PANDEMIA EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR: LA REPRODUCCIÓN DE LA DESIGUALDAD DE GÉNERO EN LA PRÁCTICA DOCENTE

Maria Júlia Buck Rossetto[1]
Cristiane Machado[2]

RESUMO
A desigualdade de gênero é historicamente construída e estruturalmente mantida nas sociedades contemporâneas. Em distintas localidades e em variadas temporalidades, o corpo feminino vivencia diferentes vulnerabilidades, a depender de quem são e os contextos em que estão inseridos. Neste sentido, o objetivo deste artigo é analisar as múltiplas dimensões que afetaram a vivência feminina durante a pandemia, desde as que tangenciaram a carreira acadêmica até as que perpassaram pela sobrecarga de trabalho doméstico. Os dados foram obtidos por meio da aplicação de questionários semiestruturados, enviados por e-mail no decorrer do ano de 2022, às docentes mulheres do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Através da leitura das informações coletadas, foi possível compreender a multidimensionalidade da desigualdade de gênero que afetou as docentes no decorrer do período em questão.
PALAVRAS-CHAVE: gênero; interseccionalidade; Ensino Superior.

ABSTRACT
Gender inequality is historically constructed and structurally maintained in contemporary societies. In various locations and at different times, the female body experiences a variety of vulnerabilities, depending on who they are and the contexts in which they are inserted. In this sense, the objective of this article is an analysis of the multiple dimensions that affected the female experience during the pandemic, from those that touched the academic career to those that went through the overload of domestic work. The data were obtained through semi-structured questionnaires sent by e-mail to female professors of the Pedagogy course of the School of Education at UNICAMP. By reading the information collected, it was possible to realise the multidimensionality of gender inequality that affected the teachers during the period in question.
KEYWORDS: gender; intersectionality; Higher Education.

RESUMEN
La desigualdad de género se construye históricamente y se mantiene estructuralmente en las sociedades contemporáneas. En distintos lugares y momentos, el cuerpo femenino experimenta distintas vulnerabilidades, dependiendo de quiénes sean y de los contextos en los que estén insertas. En este sentido, el objetivo del artículo es analizar las múltiples dimensiones que afectaron la experiencia femenina durante la pandemia, desde las que tocaron la carrera académica hasta las que pasaron por la sobrecarga del trabajo doméstico. Los datos se obtuvieron mediante la aplicación de cuestionarios semiestructurados, enviados por correo electrónico, a profesoras del curso de Pedagogía de la Facultad de Educación de la UNICAMP. La lectura de la información recogida permitió comprender la multidimensionalidad de la desigualdad de género que afectó a las profesoras en el periodo estudiado.
PALABRAS CLAVE: género; interseccionalidad; Enseñanza Superior.

[1] Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil. Orcid: 0000-0002-5329-3674 .
[2] Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil. Orcid: 0000-0002-3522-4018.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com a eclosão da pandemia de Covid-19 no Brasil em meados de 2020, uma série de desigualdades foram evidenciadas e aprofundadas, principalmente no que diz respeito aos marcadores sociais de diferença, entre eles o gênero. As mulheres, sob distintas realidades que envolvem a intersecção entre raça, classe e gênero, acabam por serem expostas de modo diferente às vulnerabilidades decorrentes da manutenção de uma sociedade capitalista.

Neste contexto, esta pesquisa[3] se propôs a conhecer e analisar as múltiplas dimensões afetadas na vida das mulheres, desde as que tangenciam a carreira acadêmica até as que perpassam a sobrecarga de trabalho doméstico, associada à vivência feminina. Objetiva-se, ainda, aprofundar o debate acerca das desigualdades de gênero evidenciadas pela pandemia. Para tanto, estruturou-se a aplicação de questionários semiestruturados voltados às docentes mulheres do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com enfoque nas particularidades impostas no decorrer da pandemia de Covid 19, que teve sua fase mais aguda entre os anos de 2020 e 2022.

Para compreender a dimensão das relações de gênero entre as docentes da Faculdade de Educação, as estratégias traçadas foram baseadas em um percurso de estudo qualitativo, atrelado à coleta de dados por meio do contato entre as partes envolvidas a partir de questionários semiestruturados. Lüdke e André (2018) indicam que a técnica do questionário é a que melhor pode iluminar estudos que pretendem conhecer percepções pessoais. Importante ressaltar que esta pesquisa foi desenvolvida em um período de menos de um ano, de modo que a potencialização do tempo permitida pelo uso do questionário foi essencial para a coesão e a coerência da estruturação do estudo.

Reafirma-se, então, o interesse desta pesquisa em orientar a discussão sobre a desigualdade de gênero em diversos espaços, especificamente no que é inerente à prática docente das professoras na Faculdade de Educação da UNICAMP. Além disso, considerando a vigência do ambiente remoto enquanto uma prática absorvida pela universidade, a aplicação do questionário foi totalmente digital, com o uso do recurso do *Google Forms*, enviado por e-mail para as participantes com o intuito de ampliar a divulgação e possibilitar maior acessibilidade.

[3] Projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética (nº CAAE: 57757722.0.0000.8142).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

O questionário contava com 17 questões, sendo 4 de respostas abertas, e outras 13 objetivas. A divulgação da pesquisa foi realizada entre os meses de agosto e setembro de 2022 através do e-mail da Secretaria de Graduação da Faculdade de Educação, canal de comunicação direto entre a comunidade docente, discente e funcionários da instituição.

Este artigo está organizado em quatro partes, além desta introdução. Inicialmente, são apresentados elementos para a compreensão do desenvolvimento da desigualdade nas relações sociais. A seguir, os dados obtidos na pesquisa são descritos e analisados em duas subseções: no primeiro são destacados aspectos quantitativos do estudo que compõem o perfil das docentes respondentes e, no segundo, são examinadas as respostas dadas às questões abertas, que caracterizam as percepções sobre a relação do trabalho com a pandemia. Por fim, são articuladas reflexões que finalizam o debate proposto.

APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRICA DESIGUALDADE ESTRUTURAL

A sociedade capitalista pressupõe a assimetria no que diz respeito à organização socioespacial, bem como à exploração dos corpos colocados à margem do processo de acumulação (Federici, 2017). O controle dos homens da maior parte das riquezas é um aspecto da criação social da masculinidade e da centralização patriarcal nas relações. Através da construção de uma leitura binária acerca dos corpos (Mcdowell, 1999) e de seus marcadores sociais de diferença (Brah, 2006), ao feminino estabeleceu-se a domesticação dos corpos e da organização do trabalho. Nesse sentido,

> O trabalho da mulher foi individualizado e limitado à produção de valores de uso para o consumo direto e privado. O do homem, traduzido em objetos economicamente visíveis, foi destinado à criação de riqueza, entrando no processo de troca. A vida social dividiu-se: de um lado, a vida pública, ligada às atividades de produção social e, de outro, a vida privada, ligada às atividades de reprodução social. A primeira passará por grandes transformações históricas e a segunda, conservadora, evoluirá muito lentamente (Calió, 1991, p. 64).

Segundo Bourdieu (2002), as sociedades ainda vivem sob a força da ordem masculina, que funciona como uma imensa máquina simbólica que considera como dimensões do feminino a casa e como dimensões do masculino a assembleia, o salão, o tempo do ciclo de vida e o ano agrário. A partir desse pressuposto reitera-se a dualidade na significação dos papéis de gênero: a Natureza, dominada, associa-se ao feminino, e a Razão, dominante, vincula-se ao que é entendido enquanto masculino. O homem, identificado simbolicamente

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

com a cultura, domina e transcende a natureza (a mulher). Dessa forma, a violência e a dominação acabam por ser uma constante na vida das mulheres no capitalismo (Federici, 2017). Conforme McDowell (1999), a associação da mulher com a natureza, ou a representação desta em forma de mulher, é tão expandida que a divisão do mundo em natureza e sociedade, emoção e razão, e a associação de cada uma delas ao feminino e ao masculino, pode ser entendida como uma das bases da distinção intercultural dos gêneros, estabelecida de forma binária. Então, em que pesem as especificidades culturais de cada sociedade, "há um sistema de crenças arraigadas que impõe e naturaliza diferenças no uso do tempo e no estabelecimento de territórios e posições sociais destinados a homens e mulheres" (Borsoi; Pereira, 2011, p. 123).

Por conseguinte, "estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como 'variáveis independentes' porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela" (Brah, 2006, p. 351). Compreendendo a mutabilidade das leituras interseccionais que os corpos apresentam a depender das vivências e espacialidades que os constituem, às mulheres docentes foi imposta uma dinâmica complexa de sobrecarga de trabalho, bem como a abertura a diferentes violências simbólicas. Pode-se compreender então que

> As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança. Mas no curso desse fluxo, as identidades assumem padrões específicos, como num caleidoscópio, diante de conjuntos particulares de circunstâncias pessoais, sociais e históricas (Brah, 2006, p. 371).

As identidades docentes, reestruturadas em um contexto de profundas transformações sociais, econômicas e históricas, promovem uma leitura necessária na busca pela compreensão da profundidade das estruturas de dominação, violência e reprodução das desigualdades em que as mulheres estão inseridas. Com o olhar interseccional, nota-se que os pilares de gênero, raça e classe são eixos estruturantes de organização da vida social, condicionando "os padrões de adoecimento, morte e acesso aos serviços, especialmente em situações de crise sanitária" (Reis *et al*, 2020), indo ao encontro com o que pontua Barroso e Gama (2020, p. 86),

> Desigualdades de gênero, bem como de raça, território, regionalidade, renda e escolaridade, são as responsáveis por colocar mulheres pobres no centro dos grupos possivelmente mais afetados pela pandemia do coronavírus; o caminho inverso também se mostra verdadeiro, na medida em que a crise sanitária e econômica em curso tem o poder de impor profundos retrocessos na busca por justiça social e

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

> igualdade de gênero no país. Por outro lado, as mulheres também podem ser sujeitas a mitigar os impactos da crise sobre os mais vulneráveis, dado o papel que desempenham em suas famílias e comunidades.

A urgência em compreender as facetas estruturais da desigualdade de gênero é muito anterior ao complexo e hostil período vivenciado em um contexto de eclosão e permanência da pandemia de Covid-19, uma vez que a origem da sociedade remonta às relações impostas e mantidas por um sistema por essência desigual. Além disso, segundo Zibeti, Tamboril e Sartoro (2011), ao serem ignoradas as desigualdades de gênero na realidade laboral, o silenciamento das jornadas e das sobrecargas femininas tendem a ser cada vez mais silenciados.

Em tempos de desmontes de políticas públicas, especialmente no que diz respeito às mulheres, é extremamente necessário construir uma análise. com base na complexidade das condições objetiva e subjetiva, com elementos que impactam a disputa ideológica, as narrativas e a institucionalização do poder dos discursos dominantes, o que é um exercício fundamental para entender e atuar no contemporâneo. Dessa forma, é de grande necessidade compreender como a desigualdade de gênero se concretiza nas relações trabalhistas, especialmente nos espaços de disputa vinculados ao ensino superior, como a pesquisa e a docência no Brasil.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PERFIS DOCENTES DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP

Com base na metodologia proposta neste estudo, os resultados alcançados estão atrelados ao espaço amostral de 20 questionários respondidos e coletados no período de disponibilização do questionário às docentes mulheres da Faculdade de Educação da UNICAMP, especificamente entre os meses de julho e agosto de 2022.

Interessante observar que, apesar da intensa divulgação e do período de quase dois meses de disponibilidade, a quantidade de docentes que respondeu a pesquisa é relativamente baixa com relação à totalidade de professoras mulheres da Faculdade de Educação. Pensar nos motivos que levam a isso abre múltiplas possibilidades de compreensão. De pronto, um ponto a ser ressaltado reside no fato de que o ambiente online ganhou uma nova dinâmica quanto à organização e sobrecarga das docentes, como será verificado ao longo deste artigo. O excesso

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

de trabalho, a crescente demanda pela produtividade e as inúmeras jornadas acumuladas dão indícios para o entendimento da baixa responsividade das professoras.

Antes de qualquer análise, é necessário voltar o olhar às especificidades de cada uma das respondentes, correlacionando respostas e trazendo à tona o protagonismo individual de cada um dos posicionamentos e dados fornecidos. O pontapé inicial da perspectiva interseccional apresentada por este trabalho se baseia na informação de que 98% das professoras entrevistadas se autodeclaram como mulheres brancas. Nesse sentido, parte-se do pressuposto que a questão da desigualdade racial não está presente nesse espaço amostral específico, situação esta que demonstra alguns indícios no que diz concerne ao acesso, permanência e dinâmica de reconhecimento de acadêmicas negras na universidade, o que evidencia a sua rara presença nos espaços de disputas no Ensino Superior.

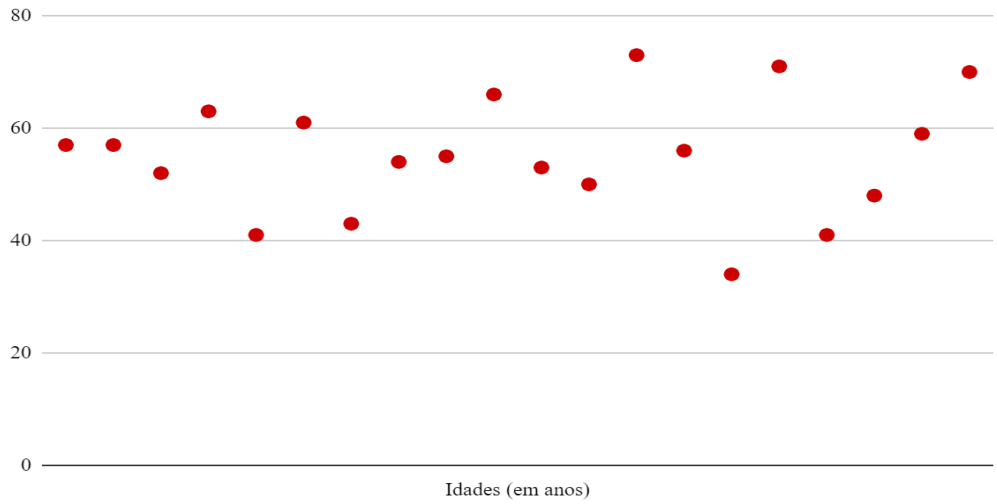
Seguindo a mirada interseccional, ao serem analisados os intervalos de renda das docentes da Faculdade de Educação, somando a outros possíveis ganhos dos demais membros dos núcleos familiares, 80% das entrevistadas apontaram a média de rendimentos acima dos 7 salários mínimos[4], dispostos em núcleos familiares majoritariamente formados por dois ou três membros em média. Nota-se que, para além de serem brancas em sua maioria, as professoras da Faculdade de Educação encontram condições materiais suficientemente confortáveis, sobretudo no que diz respeito às estruturas necessárias para a manutenção das vivências e dinâmicas dispostas entre os anos de 2020 e 2022, no período de auge da pandemia de Covid-19. Contudo, isso não significa que, mesmo com as garantias estruturais de sobrevivência, essas mulheres não tenham enfrentado dificuldades ímpares ao longo do isolamento social, uma vez que a intersecção de gênero deve ser considerada enquanto um elemento central das desigualdades presentes na reprodução doméstica das assimetrias das relações sociais.

No prosseguimento dos dados coletados por meio do questionário de pesquisa, tem-se a seguinte distribuição etária das docentes entrevistadas. A partir da leitura do Gráfico 1, é possível notar a amplitude das idades das professoras, em uma variação na média dos 50 anos:

[4] O salário mínimo brasileiro em 2022 era de R$1.212,00.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

GRÁFICO 1 - Idades das docentes que responderam ao questionário de pesquisa



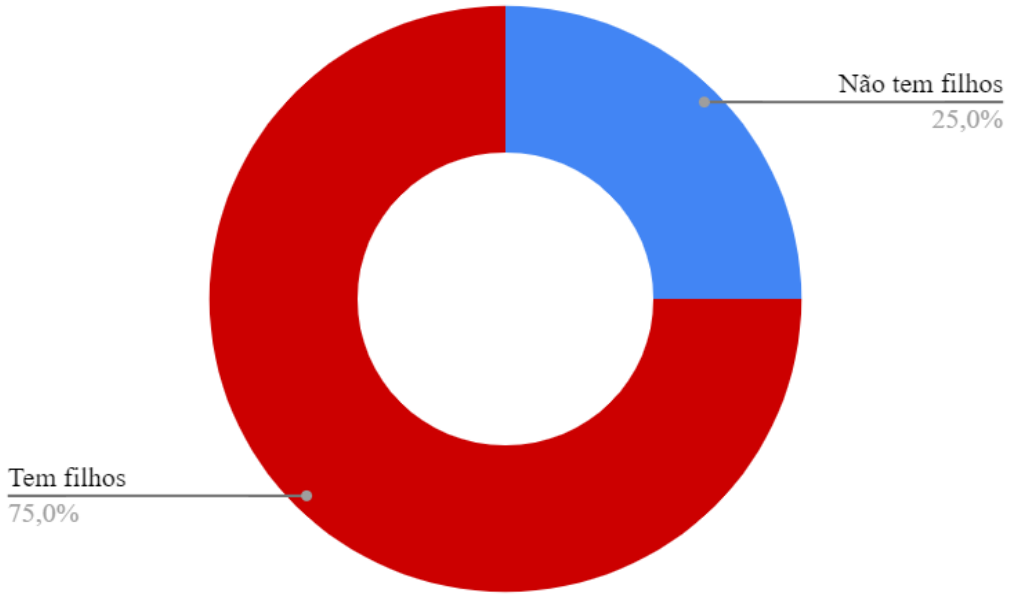
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Compreendendo a carreira acadêmica enquanto múltipla e extremamente complexa e exigente no que diz respeito à produtividade e qualidade da produção, por vezes é comum notar que os professores do Ensino Superior público apresentam idades acima dos 40 anos, faixa etária praticamente mínima para alcançar o básico necessário, em especial quando se é mulher e o acúmulo de funções é evidente.

Nesse sentido, é recorrente a presença de mulheres que optam por não ter filhos no decorrer de sua trajetória profissional, uma vez que, para a manutenção das relações presentes no ambiente acadêmico, a maternidade por vezes não é acolhida e compreendida pela comunidade, afastando, ao mesmo tempo que sobrecarrega, as mulheres de suas iniciativas de trabalho. Por meio desse olhar, o Gráfico 2 representa a distribuição de docentes mulheres que possuem ou não filhos, de modo a ilustrar que a existência da maternidade não é uma constante entre todas as mulheres que responderam ao questionário.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

GRÁFICO 2 - Distribuição das docentes que possuem ou não filhos(as)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Sistematizar a maternidade entre as mulheres docentes da Faculdade de Educação da UNICAMP é essencial para trazer à tona a centralidade do corpo feminino enquanto território de exploração e resistência de um sistema de organização social que privilegia a desigualdade. De acordo com Federici (2019, p. 17), "essa relação é o fundamento de todo sistema político e econômico, e que a imensa quantidade de trabalho doméstico remunerado e não remunerado, realizado por mulheres dentro de casa, é o que mantém o mundo em movimento". Assim, conceber a maternidade enquanto um marcador social que vulnerabiliza os corpos femininos é, a princípio, um dos eixos norteadores importantes na compreensão da somatória de atividades no ambiente doméstico no contexto de implementação do ensino remoto e de avanço da pandemia de Covid-19.

Da porcentagem de mulheres que possuem filhos, 60% têm seus filhos e filhas residindo na mesma casa, compondo diretamente o núcleo familiar dos que compartilham a distribuição de renda na casa. Esse fato se torna relevante para a continuidade das análises, uma vez que a presença de dependentes transforma a dinâmica doméstica, trazendo uma nova perspectiva de distribuição do tempo e de tarefas por parte das mulheres.

A partir disso, abre-se espaço para a análise relativa à distribuição do tempo gasto em atividades domésticas, levando em consideração o contexto das transformações inerentes ao isolamento social e à intensificação da pandemia de Covid-19 entre os anos de 2020 e 2022. Desde o início de 2020, estamos experimentando no Brasil novas formas de socialização e

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

trabalho, especialmente nas instituições de ensino, pautadas pelo distanciamento e cuidados sanitários por causa da pandemia provocada pelo coronavírus.

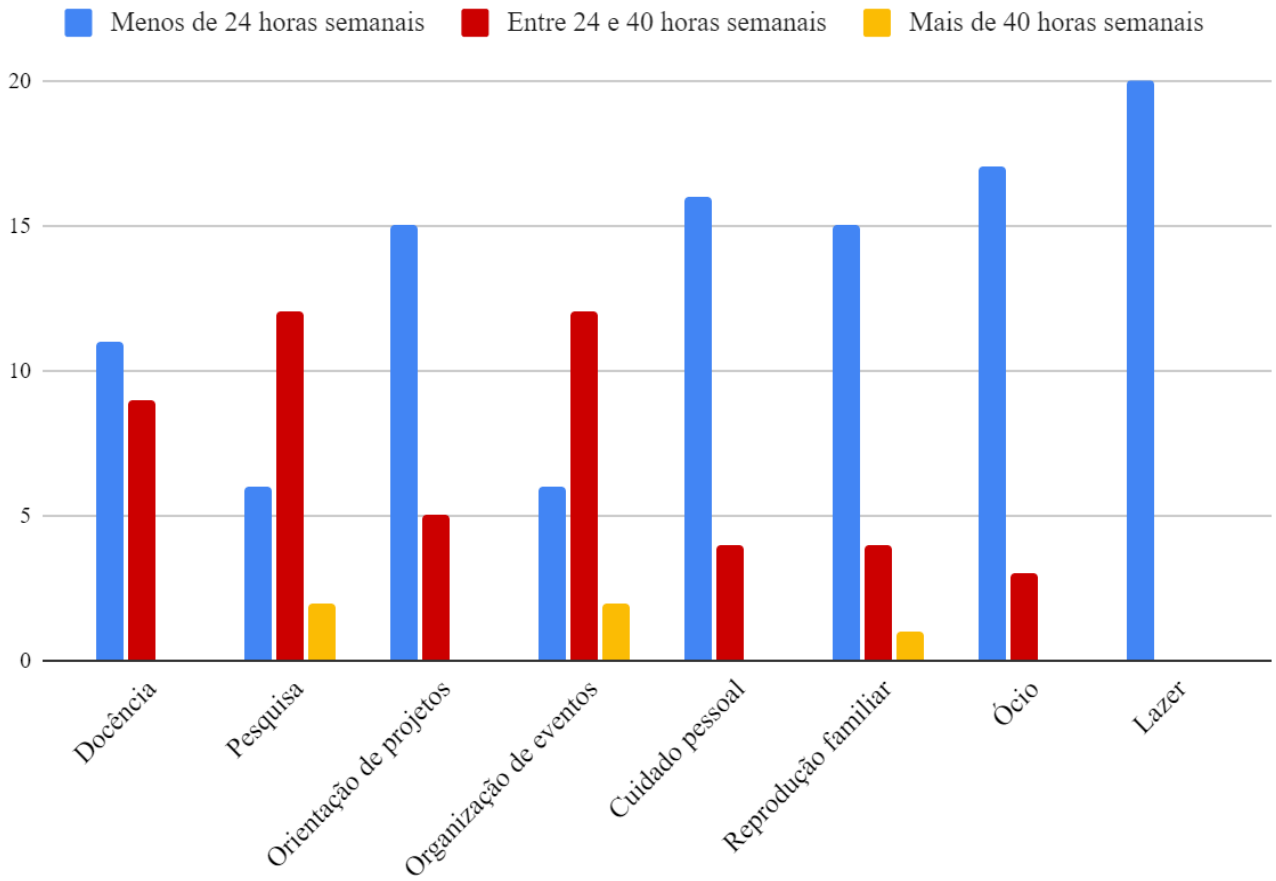
Como uma das medidas urgentes de enfrentamento à pandemia foi instaurado o ensino remoto em substituição às aulas presenciais. Sucintamente, o ensino remoto pode ser definido como o uso de plataformas digitais para o desenvolvimento de atividades de ensino síncronas e assíncronas (Alves, 2020). Na UNICAMP, as aulas remotas tiveram início em março de 2020 por meio da GR 25/2020 de 16/03/2020, após a suspensão das atividades presenciais no Campus (Knobel, 2020). Afirmam Christóforo e Esteves (2021, p. 60) que "a partir desse momento a UNICAMP se preparou para uma fase de inovação, explorando e utilizando as novas tecnologias de ensino disponíveis e ofertando aos alunos atividades à distância, de forma a minimizar os impactos dessa suspensão temporária".

Foram dois anos de atividades remotas e, embora muito tempo tenha passado, o impacto na dinâmica da implantação do ensino remoto vai muito além das desigualdades infraestruturais, pois é produto de uma histórica assimetria de poder, legitimada por uma estruturação social que privilegia parcelas específicas da população, excluindo e hostilizando aqueles que são jogados à margem do progresso e das decisões inerentes às inovações tecnológicas que ocorreram no período do auge da pandemia.

Ao retomar o recorte de gênero, o levantamento proposto evidencia a desigualdade no que diz respeito às dificuldades enfrentadas na organização do ensino remoto, bem como à distribuição de tempo por parte das docentes, considerando a reprodução das tarefas familiares no ambiente privado e a transformação das relações de trabalho, trazidas agora exclusivamente para dentro de casa. Nesse sentido, é válido compreender a distribuição de tempo gasto em atividades semanais praticadas pelas professoras, conforme indica o Gráfico 3:

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

GRÁFICO 3 - Distribuição do tempo gasto por atividades semanais



Fonte: Elaborado pelas autoras.

De imediato, nota-se que as atividades "Lazer" e "Ócio" (aqui compreendidas como descanso das demais atividades diárias) alcançam os piores patamares quanto à incidência de tempo envolvido em suas realizações. A maior parte das docentes tem baixíssimo descanso e cuidado consigo própria, apesar de apresentarem índices mais razoáveis quando considerada a reprodução familiar daqueles que vivem no mesmo ambiente. Assim,

> [...] apesar da mulher, muitas vezes, exercer atividade remunerada fora do espaço doméstico isso não repercute nas responsabilidades assumidas por elas com as atividades domésticas. As mulheres com trabalho formal continuam se responsabilizando pelo trabalho doméstico não remunerado, o que leva à chamada dupla jornada (Santos; Silva, 2021, p. 29).

Antes do período da pandemia, a jornada das atividades laborais das docentes já era realizada fora do espaço universitário, sobretudo no ambiente doméstico. Evidentemente, ao longo da quarentena, a manutenção dessa condição foi profundamente mantida, demonstrando a reprodução das desigualdades no espaço privado, pilar indispensável na organização do tempo dos sujeitos.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

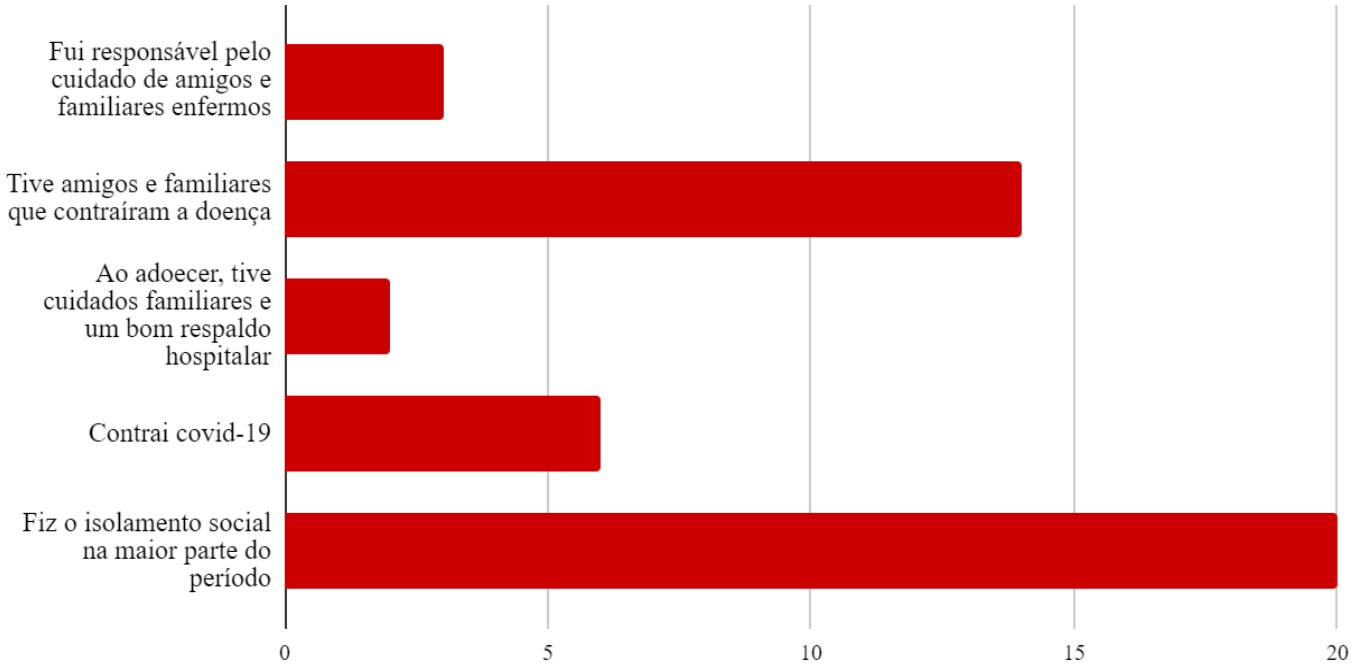
Além disso, é possível observar que a "Pesquisa" e a "Organização de eventos" no contexto pandêmico foram as duas principais atividades que tomaram o tempo das entrevistadas. As responsabilidades atreladas ao trabalho ultrapassaram a barreira, ingenuamente pensada como dicotômica, da distribuição de tempo e das tarefas entre as professoras e pesquisadoras da Faculdade de Educação da UNICAMP, um sintoma estendido para toda a sociedade.

Mesmo na carreira acadêmica, as alegações de equidade entre homens e mulheres caem por terra ao serem visualizados os questionamentos acerca da manutenção da produtividade, dada a realidade da distribuição de carga horária entre os pesquisadores, o que vai encontro do que dizem Silva, Cesar e Pinto (2015, p. 191): "o recorte da produção científica baseado apenas no espaço universitário esconde parte do mecanismo de gênero que diferencia as condições do trabalho acadêmico entre homens e mulheres, criando assim uma pretensa equidade de condições de produção científica".

Compreendendo as transformações relacionais decorrentes do avanço da pandemia, bem como da estruturação do ensino remoto como motor da dinâmica educacional, é evidente que uma série de rupturas e novas demandas foram inseridas no cotidiano dos sujeitos, especialmente ao voltarmos o olhar para o recorte de gênero entre as pesquisadas. Pensando nesse contexto, a Covid-19 desencadeou situações vinculadas ao cuidado, ao isolamento e à dor da doença, somada ao luto da perda de parentes e amigos próximos. À luz disso, o Gráfico 4 traz à tona a distribuição das ocorrências vinculadas à pandemia entre 2020 e 2022:

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

GRÁFICO 4 - Dinâmicas decorrentes do avanço da pandemia de Covid-19 segundo as entrevistadas



Fonte: Elaborado pelas autoras.

É notável que 100% das entrevistadas realizaram o isolamento social na maior parte do período latente da pandemia de Covid-19, o que representa uma mudança drástica nas dinâmicas inerentes ao ambiente privado. Além disso, a maior parte das docentes possui, em seus círculos mais próximos de convivência, familiares e amigos que adoeceram devido às complicações causadas pelo coronavírus. É sintomático observar que, ao refletirem sobre a disponibilidade de cuidados àqueles adoecidos pela Covid-19, uma parcela significativa das professoras relata ter sido responsável pelo acolhimento e gestão das dificuldades enfrentadas. Contudo, no que se refere àquelas que contraíram a doença, menos da metade afirma ter tido uma boa rede de apoio e cuidado no tratamento, o que condiz com o que pontuam Reis *et al* (2020, p. 332-333):

> [...] o trabalho doméstico foi redobrado pelas recomendações de higienização e limpeza de objetos, alimentos e superfícies, além da presença constante dos familiares em casa, para atender à recomendação de distanciamento social. Como tradicionais responsáveis pelos cuidados da saúde física e mental da família, tem sido a elas demandado o cuidado de parentes [...] e de familiares com Covid-19.

Esse movimento pode ser observado também em Federici (2019, p. 69), quando indica que:

> Conseguir um segundo emprego nunca nos libertou do primeiro. Ter dois empregos apenas significou para as mulheres possuir ainda menos tempo e energia para lutar contra ambos. Além disso, uma mulher, trabalhando em tempo integral fora ou

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

> dentro de casa, casada ou solteira, tem que gastar horas de trabalho na reprodução da sua própria força de trabalho, e as mulheres bem sabem a tirania dessa tarefa.

Ora, infere-se então que apesar de serem as principais responsáveis pela organização do cuidado, as mulheres encontram-se mais vulneráveis quando o assunto é a demanda pelo acolhimento. A centralização da figura feminina em relação à lógica do cuidar, revelando o falso discurso do afeto como norteador da reprodução do trabalho feminino, ganhou facetas distintas com a pandemia no que tange às teias relacionais em que o gênero é o principal norteador, pois em momentos de crise sanitária o cuidado é fulcral. De acordo com Barroso e Gama (2020, p. 89), "além de serem maioria entre os profissionais de saúde na linha de frente do combate ao vírus, as mulheres também são aquelas que, desproporcionalmente, realizam o trabalho invisível, não-remunerado e desvalorizado no cuidado da casa".

Reconhecendo as informações presentes nos dados expostos anteriormente, é a partir delas que se constrói a caminhada para a compreensão das dimensões envolvidas no estabelecimento do ensino remoto no contexto da Faculdade de Educação da UNICAMP entre os anos de 2020 e 2022, evidenciando o recorte de gênero como indutor das análises propostas relativas às vivências individuais e coletivas das docentes mulheres. Nesse sentido, o teor qualitativo das respostas coletadas através da aplicação do questionário de pesquisa proporciona a compreensão multidimensional das facetas da desigualdade de gênero vivenciadas pelas docentes no período analisado.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PERCEPÇÕES DAS DOCENTES

A presença do ensino remoto enquanto realidade constante no desenvolvimento das relações educacionais é anterior às mudanças inerentes à eclosão da pandemia de Covid-19. A tecnologia atrelada à educação evidencia uma espécie de antagonismo entre a possibilidade de emancipação docente e discente – através do avanço da democratização do acesso à informação e do diálogo amplo entre os envolvidos – e a manutenção de um privilégio que se concretiza por meio da desigualdade no acesso e da perspectiva da alienação da mercadologização do ensino.

Além disso, a implementação do ensino remoto enquanto formato oficial da Universidade Estadual de Campinas entre os anos de 2020 e 2021, apesar de contar com a deliberação da instituição, que propôs um treinamento aos docentes acerca das plataformas digitais a serem utilizadas, deixou lacunas evidentes no que se refere à adaptação e à

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

utilização das novas tecnologias por parte do corpo docente. O isolamento social, juntamente com ensino remoto, trouxe uma junção complexa, e por vezes ignorada, na relação entre os sujeitos em suas distintas escalas doméstica e pública, individual e coletiva.

Em decisão tomada pela UNICAMP no contexto de avanço contínuo da contaminação de Covid-19, o ensino remoto se concretizou como modelo oficial de continuidade das atividades acadêmicas em um movimento de preservação das relações educacionais em meio à intensificação da necessidade de isolamento social. Assim, foi possível observar que as práticas de educação remota se expandiram pelo mundo todo por conta da pandemia e "se caracterizam por atividades mediadas por plataformas digitais assíncronas e síncronas, com encontros frequentes durante a semana, seguindo o cronograma das atividades presenciais realizadas antes do distanciamento imposto pela pandemia" (Alves, 2020, p. 358).

A primeira pergunta do questionário que se refere ao contexto pandêmico: **Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou no decorrer da pandemia de Covid-19?** provocou a observação de que, ao realizar uma leitura interseccional, as respostas ganham significados distintos e perspectivas de análise bem mais complexas.

Uma parcela das entrevistadas, ao contrário do que se esperaria da pesquisa, afirma que não sentiu dificuldades entre os anos de 2020 e 2022, apesar de reconhecerem, posteriormente, uma série de entraves presentes com a implantação do ensino remoto. De certa maneira, essa afirmativa (presente em 4 questionários) revela um recorte específico com relação às dinâmicas privadas e à etapa da carreira docente, além de uma organização distinta das demandas domésticas.

Contudo, a maioria das entrevistadas destacou de forma reiterada a dificuldade causada pelo isolamento social, principalmente no que diz respeito ao excesso de trabalho, levando em consideração a sobrecarga decorrente do trabalho doméstico, a conciliação com os estudos dos filhos, que também permaneceram em casa, novas demandas ligadas ao ensino remoto, além do constante medo de contaminação e adoecimento de si própria e de amigos e familiares. Nesse sentido, é importante pontuar que o avanço da pandemia de Covid-19 no Brasil contou com a dramaticidade de um governo perverso, negacionista e violento que, com o passar dos anos, ampliou as assimetrias das desigualdades socioespaciais, além de dificultar o acesso a serviços básicos, principalmente os que estão envoltos na área da saúde, por exemplo. A passagem da percepção de T. demonstra o sentimento vivido:

> Lidar com o negacionismo, ver o valor da vida ser tão negligenciado pelo governo, os valores que predominaram, acompanhar mortes que poderiam ter sido evitadas, o

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

> aumento da pobreza e desigualdade, a propagação das mentiras, a falta de compromisso com o cuidado coletivo, decisões focadas no indivíduo e não na responsabilidade social, as pressões para uma vida aparentemente normal em meio ao caos... Acompanhar, junto com a pandemia, o avanço da barbárie e o sentimento de impotência. Acompanhar a insegurança financeira de muitas famílias, particularmente, as monoparentais (mães solo) que foram bastante afetadas. Identificar o adoecimento mental de muitas delas, de estudantes, docentes etc. assim como a negligência do estado nesse tipo de atendimento (T. 53 anos).

No prosseguimento das análises encontra-se a pergunta: **Dentre suas atividades cotidianas, qual delas foi a mais afetada no decorrer da pandemia de Covid-19? Por quê?** Reconhecendo as mudanças inerentes ao período analisado, reconhecer os principais entraves presentes no cotidiano das docentes é necessário para identificar a desigualdade de gênero.

De maneira geral, as principais queixas giraram em torno da organização e ministração das aulas no ensino remoto, ao mesmo tempo que reconheceram, pela maior parte das entrevistadas, o pouquíssimo tempo dedicado ao lazer e ao ócio no contexto da pandemia. Apresentada anteriormente no Gráfico 3, essa situação é compartilhada pelas docentes de maneira constante, de forma a ser sentida nos relatos a seguir:

> Aumento das atividades domésticas devido ao tempo em que estamos em casa e adaptação ao trabalho remoto (A. 48 anos).
> A rotina, considerando que o local de trabalho e a casa se misturaram (S. 54 anos).

Ampliando a percepção das principais atividades afetadas nesse contexto, abre-se espaço para a pergunta: **Para você, quais são as principais dificuldades da carreira acadêmica? Essas dificuldades se agravaram no decorrer da pandemia? *Explique.*** Aqui passam a aparecer relatos importantes no que se refere à relação entre a desigualdade de gênero, a construção de jornadas múltiplas das docentes e a sobrecarga de trabalho ao longo da pandemia. De imediato, nota-se que no período analisado a divisão sexual do trabalho foi profundamente reproduzida, indo ao encontro do que afirmam Silva e Santos (2021: 30) ao pontuarem que "a quarentena evidencia esse trabalho indispensável e invisível. As mulheres passaram a vivenciar o trabalho doméstico sem intermitência."

Desse modo, "seja no trabalho em atividades essenciais, seja no trabalho remoto, a conciliação de demandas profissionais e familiares, já tão complicada anteriormente, tornou-se uma difícil equação para as mulheres durante a pandemia" (Reis *et al*, 2020, p. 333). Apesar de não haver um consenso sobre a vivência acadêmica entre os anos de 2020 e 2022, é perceptível que a maioria das entrevistadas evidencia a cobrança, a produtividade exagerada e

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

a leitura quantitativa das ações desenvolvidas na carreira acadêmica, conforme é possível observar nos relatos abaixo:

> A carreira acadêmica exige muita dedicação. Você não tem uma rotina de trabalho: cinco dias na semana, oito horas por dia. Ao contrário, você trabalha todos os dias, principalmente à noite e nos finais de semana. Eu, pessoalmente, não percebi mudanças negativas no contexto da pandemia. Ao contrário, permanecer em casa reduziu o tempo que eu gastava nos deslocamentos: levar e buscar filha na escola, deslocamento até a UNICAMP, e os desgastes associados a isso. No meu caso, eu tive mais tempo. Além disso, pelo fato de o meu marido também estar em trabalho remoto, tivemos que estabelecer uma rotina de divisão de tarefas e isso foi muito bom (C. 43 anos).
> Na carreira docente as principais dificuldades se referem a dar conta das pressões por publicações e por se mostrar sempre produtiva, trabalhar todos os dias da semana, sem descanso semanal (que é um direito do trabalhador). Sim, pois a pandemia provocou dispersão, falta de concentração, tristeza e ficava difícil atender às pressões (A. 70 anos).

No que se refere à dinâmica das professoras da Faculdade de Educação, é possível retomar a argumentação proposta por Reis *et al* (2020, p. 322) ao pontuar que, no que concerne à assunção do trabalho remoto na perspectiva do *home office*, ainda que não seja uma modalidade nova de trabalho, "há uma literatura razoável, prévia à pandemia, sobre seus efeitos de isolamento social e profissional e sua relação com desfechos negativos na saúde mental", pois "ao borrar os limites entre vida profissional e privada, principalmente para as mulheres, o trabalho em casa pode representar um grande desafio durante a pandemia" (Ibid., p. 322). As docentes mulheres se deparam como uma fragilidade histórica da distribuição do cuidado, voltado não somente aos dependentes familiares, como também à lógica de manutenção das relações privadas em associação à sobrecarga de trabalho no ambiente acadêmico.

Assim, para além da sobrecarga inerente às atividades acadêmicas – e muito bem descrita por parte considerável das entrevistadas nas respostas de perguntas anteriores – abre-se espaço para a compreensão das dificuldades potencializadas e especificadas na adoção do ensino remoto por parte da universidade, lançando mão da pergunta: **Qual foi sua relação com a implantação do Ensino Remoto pela UNICAMP nos anos de 2020 e 2021? Explique.** Aqui muito se encontra acerca dos entraves presentes em uma adoção emergencial e extremamente veloz de uma disposição educacional distinta do que era aplicado anteriormente, como é possível observar nos fragmentos a seguir:

> Foi um período de intensa adaptação e aprendizagem. Como todos, jamais achava que ficaríamos 2 anos em isolamento, em pandemia (ainda em curso). Aprovei a UNICAMP ter sido uma das primeiras a fechar e as ações rápidas e coordenadas

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

> que permitiram que os estudantes tivessem equipamentos e plano de dados para as aulas remotas. Os recursos oferecidos dentro das possibilidades daquele momento... Foi bem difícil para todos, para alguns mais... sem dúvidas houve muitos problemas, críticas e desafios, mas ainda assim foi válido pq além de parcialmente trabalharmos os conteúdos, nos obrigou a termos contato com os estudantes, ações de acolhida e cuidado, promover a conexão interpessoal (mesmo que online), auxiliar quem estava precisando... Ter uma certa rotina que, de certa forma, contribui para a saúde mental. Muitas mudanças decorrentes da migração para o mundo digital foram bem boas e espero que permaneçam como reuniões online, ampliação da oferta de lives e eventos gratuitos na rede, documentos sendo assinados digitalmente, processos que favoreceram inclusão etc etc. (T. 53 anos).
> Não foi boa no início, por falta de familiaridade com as ferramentas e porque foi tudo implantado a toque de caixa, sem a devida discussão e planejamento. Embora eu tenha conseguido trabalhar remotamente, não é possível ignorar as limitações e a artificialidade das relações remotas (A. 66 anos).

A sensação de incômodo, a confusão, a dificuldade e uma espécie de "atraso" na adaptação ao ensino remoto manifestadas nos relatos, o que pode ser compreendido como uma não adequação à imposição da continuidade de uma produtividade exagerada, de uma dedicação incoerente com a dinâmica do contexto e da invisibilidade de qualquer pauta tensionada pela sobrecarga produzida pela desigualdade de gênero.

No fechamento das questões propostas através da aplicação do questionário, propõe-se a pergunta: **De maneira geral, como você se sentiu com relação às responsabilidades assumidas em sua vivência privada e na vida pública e profissional no decorrer da pandemia de Covid-19?** Esse questionamento possibilita um olhar mais abrangente acerca das dinâmicas e subjetividades docentes no contexto pandêmico, uma vez que tende a ressaltar, nas respostas dadas, quais foram as principais dificuldades, pesares, sobrecargas e sentimentos inerentes aos dois anos de ensino remoto, muito além das dificuldades tecnológicas e infraestruturais, por exemplo, como se pode ver nos relatos:

> Me senti sobrecarregada e desesperançosa em muitos momentos, além de bastante frustrada por não poder realizar o trabalho docente de maneira efetiva. Cabe mencionar a desigualdade de gênero presente na academia, as mulheres - especialmente as mães - tiveram suas jornadas de trabalho intensificadas na pandemia, se incumbindo de garantir que as crianças tivessem mínimo atendimento escolar de maneira remota, providenciando espaços e tempos para que tais atividades escolares ocorressem. Ao se encontrarem os espaços escolares das crianças com as atividades docentes e de pesquisadora das mães, houve recorrente interrupção, descontinuidade e cansaço multiplicado. Por resultado, a frustração e a desigualdade entre os gêneros se expressam no número de publicações, projetos de pesquisa submetidos à agência de fomento, entre outros aspectos valorizados nos rankings acadêmicos, em que possuem desempenho destacado - majoritariamente - os sujeitos do gênero masculino (F. 41 anos).
> Terrivelmente afetadas. Trabalhei o triplo do tempo para preparar e ministrar aulas (A. 63 anos).
> Me senti exausta, com excesso de trabalho e muito solitária (L. 55 anos).
> Sufocada, esmagada, infeliz (M. 52 anos).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

Analisando o teor das respostas coletadas, é possível afirmar que cerca de 95% das entrevistadas avaliaram suas responsabilidades e mudanças relacionais como negativas, difíceis e extremamente complexas. O surgimento da Covid-19 e as rupturas causadas pelo seu avanço expuseram sobrecargas que antes passavam despercebidas, ou praticamente não eram sentidas por muitas das professoras.

Identificar-se enquanto mulher em um contexto empregatício que privilegia a produtividade e o acúmulo de funções não é, portanto, tarefa fácil, uma vez que historicamente a sociedade se estrutura através da desigualdade de gênero e, como consequência, da exploração dos corpos que estão à margem da manutenção heteronormativa. Além disso, a reprodução do trabalho não pago, vinculado majoritariamente ao feminino, mostra-se essencial para a reprodução capitalista de dominação e exploração dos sujeitos. Não à toa, nos fragmentos acima presentes, a permanência do cansaço, da tristeza, da sobrecarga e da solidão são constantes nas experiências femininas. Apesar de não estarem completamente solitárias ao longo da pandemia, é permanente a presença da solidão nos relatos das professoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto uma pesquisa comprometida com a necessidade de evidenciar, problematizar e sistematizar a vivência e as intersecções vivenciadas pelas docentes mulheres da Faculdade de Educação da UNICAMP, este trabalho trouxe à tona a persistência do problema estrutural da desigualdade de gênero, inclusive em uma instância social na qual, contraditoriamente, essa discussão permanece distante. Nota-se que, “embora as mulheres tenham conquistado espaço no mercado de trabalho, o que constitui um fator fundamental para autonomia, pouco tem se alterado na estrutura da divisão sexual do trabalho” (Silva; Santos, 2021, p. 31).

O público respondente à pesquisa proposta, em sua totalidade mulheres brancas, com uma maioria na faixa etária de 40 a 60 anos e uma porcentagem considerável de mães, sentiu, em diferentes contextos e múltiplas escalas, a desigualdade do estabelecimento do ensino remoto em consonância com a sobrecarga de jornadas de trabalho que iam muito além das propostas pela universidade,

> [...] uma vez que o trabalho doméstico é totalmente naturalizado e sexualizado, uma vez que se torna um atributo feminino, todas nós, como mulheres, somos

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

> caracterizadas por ele. Se realizar certas tarefas é considerado natural, então se espera que todas as mulheres as realizem e que, inclusive, gostem de fazê-lo — até mesmo aquelas mulheres que, devido à sua posição social, podem escapar de (grande) parte desse trabalho [...] mas todas estamos em uma relação de servidão no que concerne ao mundo masculino como um todo (Federici, 2019, p. 46).

O impacto desta pesquisa residiu no fato de que, encabeçada por pesquisadoras que se inseriram na dinâmica imposta pelo avanço da pandemia de Covid-19, é possível entender as facetas sociais de mulheres docentes, pesquisadoras e estudantes da Universidade Estadual de Campinas. Destacar a importância de uma pesquisa apoiada não apenas em um forte arcabouço teórico de análise dos dados coletados, mas também na interseccionalidade presente nos relatos e na leitura das informações provenientes da pesquisa, evidencia a necessidade de abertura ao debate de gênero em suas diversas manifestações relacionais, inclusive em um ambiente que possui o discurso da equidade, mas na prática promove a contínua desigualdade entre os sujeitos, o que revela que a simples inclusão e presença dos corpos femininos no espaço acadêmico não garante a transformação da lógica hegemônica.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracajú, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020.

BARROSO, Hayeska Costa; GAMA, Mariah Sá Barreto. A crise tem rosto de mulher: como as desigualdades de gênero particularizam os efeitos da pandemia do COVID-19 para as mulheres no Brasil. **Revista do CEAM**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 84-94, 25 ago. 2020.

BORSOI, Izabel Cristina Ferreira; PEREIRA, Flavilio Silva. Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento. **Temporalis**, Brasília (DF), v. 11, n. 21, p. 119-145, jan./jun. 2011.

BOURDIEU, Pierre. As condições sociais da circulação internacional das ideias. **Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 6-15, 2002.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 26, p. 329-376, 2006.

CALIÓ, Sônia. **Relações de Gênero na Cidade:** uma contribuição do pensamento feminista à Geografia Urbana. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

CHRISTÓFORO, Fátima; ESTEVES, Suely Bonilha. A Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP - em tempos de Covid-19. **Caderno de Pesquisa NEPP**, nº91, abr. 2021.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.

Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa:** mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução:** trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

KNOBEL, Marcelo. **Reitoria cria o programa emergencial para os cursos e disciplinas de Graduação e Pós**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 16 mar. 2020. Disponível em: https://www.UNICAMP.br/ UNICAMP/noticias/2020/03/16/reitoria-cria-o-programaemergencial-para-os-cursos-e-disciplinas-de-graduacao. Acesso em: 14 fev. 2022.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2018.

MCDOWELL, Linda. **Gender, identity and place:** understanding feminist geographies. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

REIS, Ana Paula dos *et al*. Desigualdades de gênero e raça na pandemia de Covid-19: implicações para o controle no Brasil. **Saúde em Debate,** Rio de Janeiro, v. 44, p. 324-340, 2020.

SANTOS, Dayse Amâncio dos; SILVA, Laurileide Barbosa da. Relações entre trabalho e gênero na pandemia do Covid-19: o invisível salta aos olhos. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, Viçosa, v. 32, n. 1, p. 10-34, 2021.

SILVA, Joseli Maria; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; PINTO, Vagner André Morais. Gênero e geografia brasileira: uma análise sobre o tensionamento de um campo de saber. **Revista da ANPEGE**, v. 11, n. 15, p. 185-200, 2015.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonnato; TAMBORIL, Maria Ivonete Barbosa; SARTORO, Edimar Roberto de Lima. Trabalho docente e saúde: um estudo a partir da perspectiva de gênero. **Revista de Ciências Humanas**, Frederico Westphalen, v. 12, n. 18, p. 57-76, 2011.

SOBRE AS AUTORAS

Maria Júlia Buck Rossetto
Sou Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, sendo pesquisadora do LaPPlanE (Laboratório de Políticas e Planejamento Educacional). Além disso, sou Mestra em Geografia Urbana pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP). Geógrafa e atualmente estudante de Pedagogia pela UNICAMP, possuo experiência na área de Geografia Feminista e discussões acerca da temática de gênero em diferentes escalas, norteando minhas produções através da interseccionalidade dos sujeitos. Ademais, tenho uma trajetória importante como professora de Geografia no Ensino Básico, sendo entusiasta das iniciativas relativas ao Ensino Popular e à Educação Não-formal.
E-mail: m148816@dac.unicamp.br

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024

Cristiane Machado
Livre-Docente pela Faculdade de Educação da UNICAMP, Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP, Docente no Departamento de Políticas, Administração e Sistemas Educacionais - DEPASE, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Líder do LAGE – Laboratório de Gestão Educacional. Coordenadora do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP.
E-mail: crimacha@unicamp.br

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 25, n. 2, p. 28-48, maio/ago. 2024.
Recebido em: 13/03/2024 | Aceito em: 24/06/2024